

## FORMANDO EDUCADORES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO POPULAR: A TEORIA E A PRÁTICA DE PAULO FREIRE NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO (1989-1992)

Ana Maria **Saul** – PPGE-Currículo/PUC-SP

Antonio Fernando Gouvêa da **Silva** – PPGE-Currículo/PUC-SP e UFSCar

### **Primeiras palavras**

O presente texto apresenta a relação entre a concepção de educação popular e a formação permanente de educadores, construída e experienciada na rede pública de ensino da cidade de São Paulo à época em que Paulo Freire foi Secretário Municipal da Educação, e suas repercussões em redes públicas de ensino do Brasil.

A metodologia para a construção desse trabalho incluiu a revisita analítica a diferentes documentos: livros, dissertações e teses, textos publicados em jornais e periódicos bem como a experiência que os autores tiveram ao participar da rede municipal de ensino, na gestão Paulo Freire.

As opções para a elaboração desse texto exigiram considerar a concepção de educação popular e escola pública, sustentada por Paulo Freire seguida da elaboração de uma síntese da política educacional implementada em sua gestão, com o objetivo de demonstrar como os princípios de educação popular se concretizaram na prática do que se chamou ‘movimento de reorientação curricular’, contexto em que se deu a formação permanente dos educadores. A reorientação curricular e a formação permanente dos educadores, consideradas dimensões indissociáveis do processo de *mudança da cara da escola*, como dizia Paulo Freire, deram corpo à implementação de uma das mais importantes metas da gestão Paulo Freire: a busca de uma *nova qualidade de educação*. Discutir as repercussões da política educacional da gestão Paulo Freire em redes de ensino do Brasil, a partir da década de 90, pareceu-nos importante para demonstrar que a proposta da gestão Paulo Freire segue vigente e recriada, em administrações públicas comprometidas com a educação pública popular de boa qualidade e que se constitui em forte interesse de pesquisa<sup>1</sup> para a comunidade acadêmica brasileira.

---

<sup>1</sup> O portal da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) registra 1441 dissertações e teses que utilizaram referenciais freireanos, no período 1987 a 2010.

## **Paulo Freire como administrador público**

Paulo Freire assumiu a pasta da Educação no governo da Prefeita Luiza Erundina de Sousa, do Partido dos Trabalhadores, no período de 1989 a 1991. Embora tenha deixado a Secretaria, antes do término do mandato da Prefeita, a sua proposta de política educacional prosseguiu, até o final dessa gestão, sob a responsabilidade do secretário Mário Sérgio Cortella.

Em seu discurso de despedida da Secretaria Municipal de Educação, em maio de 1991, assim se pronunciou:

(...) Mesmo sem ser mais secretário, continuarei junto de vocês, de outra forma. Vou ficar mais livre para assumir outro tipo de presença. Não estou deixando a luta, mas mudando, simplesmente, de frente. Onde quer que esteja estarei me empenhando, com vocês em favor da escola pública, popular e democrática. (...). Gosto de escrever e de ler. Escrever e ler fazem parte, como momentos importantes, da minha luta. Coloquei este gosto a serviço de um certo desenho de sociedade (...) O fundamental, neste gosto de que falo é saber a favor de quê e de quem ele se exerce. (...) É um gosto que tem que ver com a criação de uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista, menos machista que esta. Uma sociedade mais aberta, que sirva aos interesses das sempre desprotegidas e minimizadas classes populares e não apenas aos interesses dos ricos, dos afortunados, dos chamados 'bem-nascidos'. (FREIRE, 1991, p.143 e 144).

A construção da *educação pública popular* e democrática foi o mote de sua gestão, anunciado já no primeiro documento encaminhado aos educadores, publicado no Diário Oficial do Município de São Paulo, em 1º de fevereiro de 1989. Em sua carta, dirigida *Aos que fazem a educação conosco em São Paulo*, diz Paulo Freire:

(...) Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade. A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da

comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la. A escola é também um espaço de organização política das classes populares. A escola como um espaço de ensino-aprendizagem será então um centro de debates de idéias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. O filho do trabalhador deve encontrar nessa escola os meios de auto-emancipação intelectual independentemente dos valores da classe dominante (...). (FREIRE, 1991, p.16).

Paulo Freire levou para a administração pública os pressupostos da educação popular. A opção política por uma educação crítica, comprometida com princípios de solidariedade e justiça social, a luta pela qualidade social da educação, a abertura da escola à comunidade, a construção do currículo, de forma participativa, autônoma e coletiva, o estímulo à gestão democrática da educação, o respeito ao saber do educando, e a indispensável e necessária formação dos educadores, foram marcos fundamentais que nortearam o seu *quefazer* na educação de São Paulo. Por vezes, tanto durante o período em que esteve na administração, como depois desse período, foram feitas a ele indagações sobre a distinção entre educação popular e escola pública. No bojo desse questionamento estava o fato de que, no ideário dos educadores, a educação popular se referia à educação não escolarizada, em especial, dos adultos, contrapondo-se à escolarização.

Freire debateu com vigor o seu argumento, afirmando que a educação popular se referia, sobretudo, à natureza de uma prática política e crítica.

Em um de seus textos, escrito em dezembro de 1992, intitulado Educação Popular e Escola Pública, publicado no livro Política e Educação, Paulo Freire sistematiza o seu pensamento sobre a relação entre educação popular e escola pública e mais especificamente, como ele mesmo anunciou, buscou responder à indagação: é possível fazer educação popular na rede pública?

Vale recuperar os argumentos dessa reflexão, nas palavras do próprio autor, com a citação de alguns trechos dessa sua produção, embora figurem extensas no corpo desse texto.

(...) a educação popular cuja posta em prática, em termos amplos, profundos e radicais numa sociedade de classe, se constitui como um nadar contra a correnteza é exatamente a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no

sentido da superação das injustiças sociais. É a que respeita os educandos, não importa qual seja sua posição de classe e, por isso mesmo, leva em consideração, seriamente, o seu saber de experiência feito, a partir do qual trabalha o conhecimento com rigor de aproximação aos objetos. É a que trabalha, incansavelmente, a boa qualidade do ensino, a que se esforça em intensificar os índices de aprovação através de rigoroso trabalho docente e não com frouxidão assistencialista, é a que capacita suas professoras cientificamente à luz dos recentes achados em torno da aquisição da linguagem do ensino da escrita e da leitura. Formação científica e clareza política de que as educadoras e os educadores precisam para superar os desvios que, se não são experimentados pela maioria, se acham presentes em maioria significativa. (...) É a que, em lugar de negar a importância da presença dos pais, da comunidade, dos movimentos populares na escola, se aproxima dessas forças com as quais aprende para a elas poder ensinar também. (...) É a que supera os preconceitos de raça, de classe, de sexo e se radicaliza na defesa da substantividade democrática. (...) É a que não considera suficiente mudar apenas as relações entre educadora e educandos, amaciando essas relações, mas, ao criticar e tentar ir além das tradições autoritárias da escola velha, critica também a natureza autoritária e exploradora do capitalismo. E ao realizar-se, assim, como pratica eminentemente política, tão política quanto a que oculta, nem por isso transforma a escola onde se processa em sindicato ou praticado. É que os conflitos sociais, o jogo de interesses, as contradições que se dão no corpo da sociedade se refletem necessariamente no espaço das escolas. E não podia deixar de ser assim(...). (FREIRE,1993, p.101,102,103).

## **A educação pública, popular e democrática na gestão Paulo Freire<sup>2</sup>**

A concretização da proposta político pedagógica<sup>3</sup>, na gestão Paulo Freire, instalou uma nova lógica no processo de construção curricular, na realidade brasileira. Reorientar o currículo sob a ótica da racionalidade crítico-emancipatória implicou considerar a relação dialética entre o contexto histórico-social-político e cultural e o currículo. Trabalhou-se com a proposta de construção de uma escola voltada para a formação social e crítica dos educandos, uma escola séria, na apropriação e recriação de conhecimentos e, ao mesmo tempo, alegre, estimuladora da solidariedade e da curiosidade. A prática dessa nova lógica considerou, todo o tempo, a necessária participação dos educadores, dando ênfase ao trabalho coletivo e à formação de professores. A busca de melhoria da qualidade da educação pública municipal propôs mudanças nas relações internas da escola e na relação

---

<sup>2</sup> O período 1989-1992 ficou conhecido como gestão Paulo Freire, dado que as propostas de política educacional, definidas no início da gestão prosseguiram, durante todo o mandato da Prefeita, sob a direção do secretário Mário Sérgio Cortella.

<sup>3</sup> Conferir “A construção do currículo na teoria e prática de Paulo Freire”, em Apple e Nóvoa (1998).

escola/população. Entendeu-se, também, que a escola deveria estar aberta para que a população pudesse participar do processo de mudança *da cara da escola*, no dizer de Paulo Freire, dar-lhe ânimo, outra vida e, principalmente, reconstruir criticamente o saber, instrumento de emancipação. A participação popular na criação da cultura e da educação rompia com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses da população.

A nova proposta curricular da rede municipal de ensino de São Paulo foi construída de modo participativo e gradativo. Respeitou-se o trabalho educacional digno, mesmo divergente, dos educadores. Procurou-se, durante todo o tempo da gestão, viabilizar o projeto político pedagógico por meio do ‘movimento de reorientação curricular’ e da ‘formação permanente dos educadores’.

O movimento de reorientação curricular caracterizou-se por um amplo processo de construção coletiva, da qual participaram diferentes grupos em constante diálogo: a escola, a comunidade e especialistas em diferentes áreas do conhecimento. Esse movimento buscou garantir a autonomia da escola, permitindo o resgate de práticas valiosas e, ao mesmo tempo, estimulando a criação e recriação de experiências curriculares que favorecessem a diversidade na unidade. A valorização da unidade teoria-prática, refletida no movimento de ação-reflexão-ação sobre as experiências curriculares, permitiu também que pudessem ser criadas novas práticas.

A reorientação curricular iniciou-se com um cuidadoso e planejado momento de *problematização* da escola, entendida como a descrição e a expressão das expectativas de educadores, educandos, e pais. A participação das famílias ocorreu por meio de plenárias pedagógicas; dessas participaram, além de familiares dos educandos, representantes de movimentos sociais. Essa prática buscava efetivar o compromisso de dar voz à comunidade escolar, considerada como sujeito da ação educativa. Houve o necessário registro desse momento de *escuta sensível* da escola, em documentos que buscaram apresentar o que se chamou de ‘retrato sem retoques’ do currículo em ação. Esses documentos foram discutidos em todas as escolas, em momentos de planejamento do ano letivo, e subsidiaram a elaboração e revisão do plano escolar. Dentre as diferentes ações geradas no bojo desse amplo movimento de reorientação curricular, destacou-se a elaboração de projetos pedagógicos próprios das escolas, concretizando o princípio da autonomia. Mais de 1500

projetos foram elaborados pelas escolas, em função de suas realidades. A Secretaria apoiou esses projetos, técnica e financeiramente, e fez o acompanhamento dos mesmos. A busca de uma escola com qualidade social, sonho de Paulo Freire, pautada nos princípios da educação popular, não obstante as dificuldades de *remar contra a correnteza*, resultou extremamente valiosa, tanto pelos resultados da avaliação dos alunos, demonstrados pelo aumento dos índices de aprovação e diminuição sensível dos percentuais de *expulsão* - como se referia Paulo Freire à evasão escolar-, como pela ressignificação do conceito de qualidade da educação. Tratava-se da qualidade social da educação o que significou o compromisso com a democratização, com a justiça social, com a participação, solidariedade, dialogicidade, construção coletiva e a autonomia.

### **A formação de educadores**

A prática de Paulo Freire, quanto à formação de educadores, foi se construindo, durante sua vida, alicerçada pelo seu ‘jeito de ser docente’ e pelas reflexões resultantes de seus diálogos constantes com educadores e educandos em diferentes espaços e tempos de sua trajetória como educador.

No livro de Danilo Streck (1999), Paulo Freire: ética, utopia e educação, Saul relata sua experiência ao lado de Paulo Freire na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), testemunhando o “jeito de ser docente” de Freire. A autora partilhou com Paulo Freire o espaço pedagógico da sala de aula<sup>4</sup>, e por isso pode testemunhar a coerência entre

#### **O planejamento do semestre**

Paulo Freire costumava *me chamar* para um almoço ou um café em sua casa; depois *partíamos* para fazer o planejamento. Ele procurava sempre ouvir o que eu estava pensando em relação ao próximo semestre; discutíamos bastante antes de chegar a uma proposta. Fazia questão de ressaltar que os nossos desejos, os nossos sonhos de professores seriam confrontados com os sonhos dos alunos e por isso propunha que a primeira coisa que faríamos em sala de aula seria discutir a proposta com os alunos. Considerávamos as possibilidades de tratamento da temática, as avaliações semestrais e as expectativas dos alunos. Procurávamos discutir os nossos desejos, sonhos em relação às nossas utopias como professores, como docentes do Programa. Esses diálogos com Paulo Freire sempre foram muito produtivos, ricos e fraternos.

Conteúdo - Uma praxia docente inspirada no jeito de ser docente de Paulo Freire, em Revista Kizoma Freireano (2012).

o seu “fazer docente”, e as suas proposições político-pedagógicas no tocante à formação de educadores.

### **O trabalho na sala de aula**

No primeiro dia de aula Paulo Freire se preocupava, inicialmente, em ouvir os alunos para que as suas necessidades e expectativas estivessem contempladas no trabalho a ser desenvolvido. Isso era feito numa sala de aula arrumada em círculo, ambiente propício ao diálogo, onde todos os participantes podiam se ver face a face e onde Paulo Freire podia tocar alguns dos participantes da roda, que estavam a sua direita ou a sua esquerda, colocando delicadamente a mão sobre seus ombros; fazia isto em alguns momentos, num gesto muito espontâneo, como que quisesse ser melhor entendido ou, ainda, para chamar o seu interlocutor à participação. Quem conviveu com Paulo Freire e teve a oportunidade de estar mais perto dele seguramente vai se lembrar da expressividade dos seus gestos. Ele era um homem que falava com as mãos. Na condução do trabalho de sala de aula Paulo Freire propunha que, num primeiro momento, ouvíssemos as preocupações de investigação, de pesquisa dos alunos; *os seus sonhos*, como ele dizia. Mesmo que os projetos dos alunos fossem embrionários, ele fazia questão de estimulá-los a dizer os seus sonhos, ainda que estes não estivessem detalhados, ou totalmente claros. A partir do relato de projetos passava-se a um segundo momento em que se trabalhava com as diferentes temáticas, encontrando-se os eixos importantes em cada um dos projetos e *os fios comuns* entre eles. Desse modo eram aprofundadas as temáticas fundamentais que contribuía para os diferentes projetos. Além de selecionar os tópicos básicos de discussão, Paulo Freire considerava importante propor aos alunos que se exercitassem na produção escrita durante o curso e discutissem a sua produção em sala de aula. Ele me dizia: “Vamos propor aos alunos que, em cada sessão, a cada aula, eles possam reagir não só no momento, dizendo o que pensam a respeito das temáticas, mas vamos também desafiá-los para escrever pequenos textos, uma página que seja, e na sessão seguinte, nós ouvimos essas páginas e nos manifestamos em relação a elas”. O clima democrático e cordial da sala de aula permitia que os alunos se experimentassem na produção da escrita e ao mesmo tempo pudessem dizer de suas dificuldades. De um modo recorrente, nas análises, surgiam prioritariamente os seguintes temas: justiça social, poder, liberdade, democracia, utopia, ética, construção do conhecimento, compromisso social, formação do educador, educação como ato político, leitura da realidade, valores do ser humano.

A presença de Paulo Freire na sala de aula prossegue a professora, sempre foi muito querida, marcante e significativa. A sua atuação na aula era discreta. Apesar de ele saber

que a sua palavra fazia diferença, com humildade autêntica, raramente era o primeiro a falar. Exercitava assim um dos saberes que em seu último livro apontou como necessários à prática educativa: “saber escutar” Ouvía a todos atenta e respeitosamente e, quando se posicionava, ouvíamos sua voz mansa que revelava, porém, uma postura forte que convidava a pensar.

Esse modo de “ser” e de “fazer” de Paulo Freire, centrados em proposições fundamentais de sua obra, como: o respeito ao educando, a dialogicidade, a importância de partir do conhecimento do aluno no processo de ensino aprendizagem, a defesa da autoridade do professor e não do autoritarismo, a politicidade da educação, inspiraram as suas reflexões teóricas e as suas propostas práticas quanto à formação permanente dos educadores, na Secretaria da Educação da cidade de São Paulo.

A formação de educadores, tema amplamente tratado na obra de Freire, sob diferentes ângulos deriva-se, ao mesmo tempo, de inspirações de sua prática e de suas análises e construções sobre a questão da docência. Freire discute a docência no conjunto de sua obra, em meio a uma trama conceitual na qual várias categorias do seu pensamento se entrelaçam: diálogo, relação teoria-prática, construção do conhecimento, democratização e politicidade da educação, entre outras. Todavia é, especialmente, nas publicações: *Medo e ousadia - o cotidiano do professor* (1987), *Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar* (1993), *A educação na cidade* (1991) e, sobretudo, em *Pedagogia da autonomia-saberes necessários à prática docente* (1996), seu último livro publicado enquanto vivia, que o autor sistematiza suas reflexões sobre o tema da formação de educadores.

Formação permanente, para Paulo Freire, implica a compreensão de que o ser humano é um ser inconcluso e tem sempre a perspectiva de *ser mais*. Educação permanente, portanto, não se destina somente aos educandos em momentos de sua escolarização, mas a todo o ser humano em qualquer etapa de sua existência. A educação permanente está aliada à compreensão de que ela incide sobre a realidade concreta, sobre a realidade prática. Daí ao entendimento de que um programa de formação permanente de educadores exige que se trabalhe sobre as práticas que os professores têm. Dizia Paulo Freire (1993): A partir da prática que eles [os educadores] têm é que se deve descobrir qual é a *teoria embutida* ou quais são os fragmentos de teoria que estão na prática de cada um dos educadores mesmo que não se saiba qual é essa teoria.

Em Pedagogia da Autonomia, acrescenta:

(...) o saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, 'desarmada', indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (...) O que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. (FREIRE, 2008, p. 38).

Na Secretaria da Educação de São Paulo, Paulo Freire se empenhou profundamente na formação permanente dos educadores. Em suas palavras:

(...) um dos programas prioritários em que estou profundamente empenhado é o de formação permanente dos educadores, por entender que os educadores necessitam de uma prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir. (FREIRE, 1991, p.80).

Os princípios básicos do programa de formação de educadores foram assim apresentados: a) o educador é o sujeito de sua prática, cumprindo a ele criá-la e recriá-la; b) a formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano; c) a formação do educador deve ser constante, sistematizada porque a prática se faz e se refaz; d) a prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento, ou seja, de como se dá o processo de conhecer; e) o programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular; f) os eixos básicos do programa de formação de educadores precisam atender à fisionomia da escola que se quer, enquanto horizonte da nova proposta pedagógica, à necessidade de suprir elementos de formação básica aos educadores e à apropriação, pelos educadores, dos avanços científicos do conhecimento humano que possa contribuir para a qualidade da escola que se quer. (FREIRE, 1991).

A formação permanente dos educadores desenvolveu-se, sobretudo, por meio de “grupos de formação”, modalidade que agrupava coletivos de professores para discutir as suas práticas. O momento seguinte, nesse trabalho, consistia em confrontar as teorias dos professores com as suas práticas, acrescidas de novas teorias e práticas, sempre que necessário, num constante movimento de ação-reflexão-ação, na perspectiva de recriar teoria e prática. Esses grupos tiveram como lócus principal a própria escola e o programa foi complementado com outras modalidades de formação: palestras, cursos, congressos e

atividades culturais, em diferentes espaços. A integração da Universidade a esse amplo programa de formação se deu de forma inovadora, alicerçada na compreensão de que a universidade e a rede pública seriam aprendentes e ensinantes, nesse diálogo.

### **Repercussões da proposta político-pedagógica de Paulo Freire a partir dos anos 90**

A partir de 1992, vários estados e municípios do Brasil, comprometidos com a administração popular, optaram por construir políticas curriculares com os pressupostos freireanos do Movimento de Reorientação Curricular ocorrido em São Paulo, no período 1989-1992.

Silva (2004), em pesquisa apresentada em sua tese de doutoramento, acompanhou e analisou 14 sistemas públicos municipais e estaduais no Brasil<sup>5</sup> que se inspiraram na gestão Paulo Freire para reorientar as suas políticas e práticas de currículo. Convém ressaltar que essas administrações assumem uma concepção de educação

(...) que reconhece a presença das classes populares como um sine qua para a prática realmente democrática da escola pública progressista na medida em que possibilita o necessário aprendizado daquela prática. Neste aspecto, mais uma vez, centralmente se contradiz antagonicamente com as concepções ideológico-autoritárias de direita e de esquerda que, por motivos diferentes, recusam aquela participação. (FREIRE, 1995, p. 103).

A característica comum mais marcante presente na construção das políticas dessas administrações foi a participação efetiva da comunidade, concretizada pelo diálogo constante entre os protagonistas da prática educativa.

Em relação à qualidade social da educação, os movimentos de reorientação curricular e de implementação da gestão democrática caracterizaram-se pela valorização das práticas pedagógicas emancipatórias nas redes municipais, pela construção/conquista de autonomia das unidades escolares, pela introdução do trabalho coletivo nas escolas e pela

---

<sup>5</sup> As redes públicas de ensino acompanhadas pelo pesquisador foram: Angra dos Reis-RJ (1994-2000), Porto Alegre-RS (1995-2000), Chapecó-SC (1998-2003), Caxias do Sul-RS (1998-2003), Gravataí-RS (1997-1999), Vitória da Conquista-BA (1998 – 2000), São Paulo-SP (2001-2003), Belém-PA (2000-2002), Maceió-AL (2000-2003), Dourados-MS (2001-2003), Goiânia-GO (2001-2003), Criciúma-SC (2001-2003), Estado do Rio Grande do Sul (1998-2001) e Alagoas (2001–2003).

formação permanente dos educadores. A opção dessas Secretarias de Educação sinaliza a construção de políticas curriculares de resistência que partem da contradição vigente na sociedade contemporânea para a transformação dialógica das realidades vivenciadas.

Na análise das práticas educacionais dessas redes de ensino e, em especial, do movimento de reorientação curricular, foram encontrados vários aspectos comuns. Dentre eles, vale destacar a concepção de ensino-aprendizagem, fundamentada na dialogicidade, e a gestão pedagógica democrática do tempo-espaço escolar.

Pode-se afirmar, também, que as administrações populares, inspiradas na prática de Freire, estiveram atentas à necessidade de articular processos reflexivos de formação permanente de educadores às ações dos movimentos de reorientação curricular, com a perspectiva de promover influências recíprocas, tanto na criação e construção coletiva do novo fazer escolar, quanto no espaço escolar, entendido como instância político-reflexiva, *lócus* de formação para a prática democrática.

### **A pesquisa na Cátedra Paulo Freire da PUC/SP<sup>6</sup>**

Paulo Freire foi professor da PUC/SP, no Programa de Educação: Currículo, desde sua volta do exílio, pelo período de 17 anos (1980 -1997). Quando Paulo Freire já não estava entre nós, em sua homenagem, a PUC/SP criou, no segundo semestre de 1998, a Cátedra Paulo Freire, sob a direção do Programa de Educação: Currículo.

A Cátedra é um espaço especial para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre e a partir da obra de Paulo Freire, focalizando as suas repercussões teóricas e práticas na Educação e a sua potencialidade de fecundar novos pensamentos. Esse espaço acadêmico oferece, semestralmente, um curso em nível de Pós-Graduação. A Cátedra tem o seu *lócus* no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC/SP<sup>7</sup>. Referenciada em pressupostos da dialogicidade freireana, assume o papel político - epistemológico de tomar a realidade concreta da educação, como objeto de ensino e investigação, na formação crítica do educador-pesquisador.

---

<sup>6</sup> Conferir “O pensamento de Paulo Freire no campo de forças das políticas públicas de currículo: a democratização da escola”, revista eletrônica e-Curriculum (2011).

<sup>7</sup> O Programa de Pós-Graduação em Educação / Currículo da PUC/SP iniciou suas atividades de Mestrado em 1975 e de Doutorado, em 1990.

Na Cátedra desenvolve-se uma pesquisa sobre o pensamento e as repercussões da proposta de Paulo Freire nos sistemas públicos de ensino do Brasil.

São objetivos centrais da pesquisa:

1. Identificar e analisar a influência de Paulo Freire nos sistemas públicos de ensino do Brasil, com especial destaque para as políticas de currículo, a partir da década de 90.
2. Subsidiar o fazer político-pedagógico das redes públicas de ensino comprometidas com a democratização da educação.
3. Articular pesquisadores de várias regiões do país em torno da investigação da influência de Freire na educação e, em especial, nos sistemas públicos de ensino, criando uma rede freireana de pesquisadores interessados em pesquisar o legado e reinvenção do pensamento de Paulo Freire.

A opção metodológica dessa pesquisa é a investigação crítica, de abordagem qualitativa. A intenção é encontrar, na própria política educacional pesquisada, respostas aos conflitos e dificuldades enfrentadas. O enfoque qualitativo é aqui assumido como uma orientação que enfatiza uma composição equilibrada entre as análises de processos e de produtos. A metodologia inclui os seguintes procedimentos:

1. Levantamento bibliográfico de obras de referência conceitual para a definição de categorias de análise a serem utilizadas na investigação das políticas educacionais.
2. Análise de documentos: publicações elaboradas pelas Secretarias Municipais e Estaduais de Educação que tratam da implementação e avaliação dos movimentos de construção de políticas educacionais; teses e dissertações que tratem de aspectos das referidas políticas.
3. Entrevistas com gestores públicos, educadores, educandos, funcionários, famílias e representantes dos diferentes segmentos das comunidades envolvidos com as propostas educacionais analisadas.

Já estão integrados, nessa rede que investiga o pensamento de Paulo Freire nas redes de ensino, 22 pesquisadores pertencentes a dez Programas de Pós-Graduação, situados em sete Estados de diferentes regiões do Brasil.

Pode-se afirmar, a partir dos resultados que têm sido evidenciados nas pesquisas conduzidas até o momento, e pela ampliação dos movimentos que se ampliam, em torno do pensamento freireano, que a conclusão de Moreira (2010), assinalando ter sido a pedagogia freireana uma referência fundamental para as políticas de currículo nos anos 90, também se anuncia nesse novo milênio. O pensamento de Paulo Freire segue sendo, pois, uma matriz importante para o desenvolvimento de políticas de currículo que assumem o compromisso com a educação democrática, defendida por todos aqueles que proclamam o direito e o dever de mudar o mundo, na direção de um projeto social fundado na ética do ser humano e em princípios de justiça social e solidariedade.

## **Referências**

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

\_\_\_\_\_ e Ira Shor. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1997). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'água, 1993.

MOREIRA, Antonio Flavio (2010). Propostas curriculares alternativas: limites e avanços. .In: PARAISO, Marlucy Alves (org.). *Antonio Flavio Moreira, pesquisador em currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SAUL, Ana Maria e SILVA, Antonio Fernando Gouvêa. O legado de Paulo Freire para as políticas de currículo e formação de educadores no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.90, n.224, p.223-244, jan/abr, 2009.

SAUL, Ana Maria (org.). A construção do currículo na teoria e prática de Paulo Freire. In: Michel Apple e António Nóvoa (org.). *Paulo Freire política e pedagogia*. Porto: Porto Editora, 1998.

SAUL, Ana Maria. Paulo Freire: vida e obra de um educador. In: Danilo Streck e outros (orgs.). *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. O pensamento de Paulo Freire no campo de forças das políticas de currículo: a democratização da escola. In: *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.7, n.3, nov./dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/issue/view/525>. Acesso em: 01/03/2012.

SAUL, Ana Maria. Uma prática docente inspirada no “jeito de ser docente” de Paulo Freire. In: *Revista Rizoma Freireano*, Espanha, v.12, 2012. Disponível em: <http://www.rizoma-freireano.org/index.php/uma-pratica-docente-inspirada-no-jeito-de-ser-docente-de-paulo-freire-ana-maria-saul>. Acesso em: 20/03/2012.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. *A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2004.